

Temas transversais em textos literários: um olhar sobre a revista *Ciência hoje das crianças* de 2011

Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
flaviaramospesquisa@gmail.com

Lovani Volmer
Universidade Feevale
lovaniv@feevale.br

Melina Sauer Giacomini
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
msauer@ucs.br

Resumo

À escola cabe, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a formação integral dos alunos. O documento prevê o trabalho com temas transversais, um conjunto de assuntos que devem ser trabalhados na escola, porque expressam valores e conceitos de cidadania, bem como são temáticas de abrangência e urgência para a sociedade brasileira atual. Com base nisso, analisamos duas seções da revista infantojuvenil *Ciência hoje das crianças* de 2011, "Baú de histórias" e "Poesia e companhia", as quais apresentam textos literários, no intuito de averiguar a possibilidade de se trabalhar temas transversais a partir desses textos. Percebeu-se que essa proposta é viável, ou seja, o texto literário, além de promover a reflexão crítica e colocar o aluno em contato com aqueles direitos que, consoante Candido (1995), são imensuráveis, alimentam a alma, e pode ser uma ferramenta para adentrar na temática transversal, propiciando a formação de um leitor competente.

Palavras-chave: temas transversais; revista *Ciência hoje das crianças*; literatura

Abstract

According to the National Curriculum Parameters (PCNs), the integral formation of students is the schools' responsibility. The document foresees the work with tranverse themes, a set of issues that must be worked out in school because they express values and concepts of citizenship. Besides that, they represent comprehensive and urgent themes to the Brazilian society nowadays. Based on this, we have analyzed two sections of the 2011 *Children's Today's Science* magazine, "History trunk" and "Poetry and company", which present literary texts in order to investigate the possibility of working transverse themes from these texts. It was felt that this proposal is viable. In other words, the literary text, besides promoting critical thinking and putting the student in touch with those rights that, as Candido (1995) says, are immeasurable, feed the soul, and may be a tool to enter the transverse theme, thus providing the formation of a competent reader.

Keywords: transverse themes; magazine *Children's Today Science* [*Ciência hoje das crianças*]; literature

Introdução

Nas sociedades modernas, embora ainda não universalizada, a educação consolidou-se como um direito social, especialmente a escolar, que, no Brasil, é requisito básico para

o exercício da cidadania e as práticas sociais. Atualmente, a educação brasileira é normatizada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Nº 9.394/96) e pelo Plano Nacional de Educação para 2001-

2010. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que apresentam os objetivos do ensino brasileiro, consideram que os temas transversais são assuntos que devem ser trabalhados no ambiente escolar, uma vez que expressam valores e conceitos de cidadania, bem como são temáticas de abrangência e urgência para a sociedade brasileira atual (BRASIL, 1998).

À escola cabe, pois, a formação integral dos alunos, ou seja, possibilitar não apenas o acesso a conhecimentos científicos, mas também promover a reflexão crítica, colocar o aluno em contato com aqueles direitos que, consoante Candido (1995), são imensuráveis, alimentam a alma, como a Literatura, por exemplo. Nesse sentido, a partir da análise dos textos literários apresentados na *Ciência hoje das crianças*, revista de cunho científico voltada para o público infanto-juvenil, este artigo propõe-se a analisar temas transversais na literatura, restringindo-se a duas seções da revista CHC – “Poesia e companhia” e “Baú de histórias” – publicada em 2011. Salientamos que a escolha desse artefato como objeto de estudo deve-se ao fato de ser uma publicação que circula no meio escolar brasileiro através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)¹, podendo ser um meio de produção de conhecimento e estímulo à prática de leitura.

Temas transversais e literatura

De acordo com os PCN's, ao organizar seu Projeto Político-pedagógico, a escola deve ter como meta oportunizar aos alunos contato com novas perspectivas culturais, a fim de, efetivamente, expandir os seus horizontes e, ainda, dotá-los de autonomia intelectual, assegurando-lhes, assim, tanto o acesso ao conhecimento historicamente acumulado como à produção coletiva de novos conhecimentos, sem se esquecer de que a educação também

¹ O PNBE é um Programa vinculado e executado pelo Ministério da Educação através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Criado em 1997, o Programa vem sofrendo algumas alterações a fim de qualificar os acervos das bibliotecas de escolas públicas. Para incentivar as práticas leitoras, tem como meta aproximar tanto alunos quanto professores da cultura e informação. Desse modo, o Programa, pela aquisição de acervos para as bibliotecas de escolas públicas, visa a estimular a leitura com intuito de formar um leitor competente.

é, sobremaneira, especialmente no contexto brasileiro, chave para o exercício dos demais direitos.

Os temas transversais, por sua vez, “correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para este debate” (BRASIL, 1997, p. 12). Cabe, pois, às escolas desenvolver um projeto de educação comprometido com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la. Um projeto pedagógico com esse objetivo, consoante os PCN's, é orientado por três grandes diretrizes:

- posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente;
- não tratar os valores apenas como conceitos ideais;
- incluir essa perspectiva no ensino dos conteúdos das áreas de conhecimento escolar (BRASIL, 1997, p. 20).

Nesse sentido, deve haver articulações entre as áreas de conhecimento e seus componentes curriculares, por meio do desenvolvimento de ações, atividades e vivências pedagógicas capazes de modificar o cenário atual. Essa formação integral, salientamos, deve possibilitar não apenas acesso a conhecimentos científicos, mas também promover a reflexão crítica e colocar o aluno em contato com aqueles direitos que, consoante Candido (1995), são imensuráveis, alimentam a alma, como a Literatura, por exemplo.

Cabe citarmos também a Lei N° 9.394/96, que, no inciso III do Artigo 35, também remete à educação integral, voltada para o desenvolvimento da pessoa humana, da capacidade de aprender, de aplicar o conhecimento em seu projeto de vida e no exercício da cidadania e prevê: “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Assim, é preciso abandonar o currículo rígido e vazio de interações entre os diversos conhecimentos e buscar a autonomia intelectual, a solução de problemas, a análise, entre tantas outras competências, sem se esquecer

da importância da criatividade e do afeto para a aprendizagem. Em vez de uma postura conservadora de adaptação e conformação à realidade, de currículos e ações escolares que ficam presos a moldes nos quais os conhecimentos têm fim em si mesmos, o esforço deve ser o de atrair os estudantes e dar-lhes condições para que desenvolvam uma leitura competente, o que se faz com a construção de sentidos e de pluralidade de entendimento.

Nesse cenário, está o estudo do texto literário, tratado como mais um dos modos discursivos a serem abordados. Porém, dadas as especificidades da Literatura, é fundamental que se discuta esse encaminhamento, visto que ela é uma forma de educação da sensibilidade, atingindo um conhecimento que, mesmo não mensurável, é, acima de tudo, humanizador, tal qual o papel que se reserva às artes em geral. A Literatura apresenta-se como uma expressão da complexidade humana, do estar no mundo de diferentes formas, fazendo transcender o que já está dado e, conseqüentemente, propiciando a experiência da liberdade, da multiplicidade e da humanidade.

A perspectiva eleita para a Literatura na escola seria aquela da formação ética e estética. Apenas por essas razões já fica claro que não basta tratar o texto literário simplesmente como mais um dos gêneros textuais a serem abordados, mas dar-lhe o devido foco e espaço. Tratar a Literatura de uma forma mais abrangente, no entanto, requer uma mudança de postura docente frente ao texto literário, ao seu papel de mediador e, fundamentalmente, ao lugar real que a leitura literária ocupa em sua experiência pessoal.

Pode, ainda, haver grandes lacunas entre as orientações teórico-metodológicas e legais e o que de fato acontece nas escolas. No caso da leitura literária, pesquisas mostram que essa leitura tende a ser tratada como a de qualquer outro texto, sem considerar suas especificidades, assim como também há indícios da quase ausência da leitura da Literatura, pois o que, geralmente, rege o ensino são os manuais didáticos, organizados a partir de fragmentos de textos e quase sempre apresentando apenas um recorte histórico da área. Enfim, não é priorizada a leitura como uma vivência estética.

A escola, seguindo esse viés, precisa ser reinventada, o que é compromisso de todos

os envolvidos no processo educativo. Faz-se, para tanto, necessário priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, cooperativos, participativos e com conhecimentos que lhe possibilitem ir e vir.

Ciência hoje das crianças e leitura literária

Como a matéria da Literatura são as ações humanas possíveis, os temas transversais, por serem ligados à natureza humana, estão presentes nos textos literários. Salienta-se que, independentemente da temática, importa o tratamento dispensado às palavras, que adquirem sentido para além do usual, uma vez que o texto literário “tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. [...] A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo.” (CANDIDO, 1995, p. 246).

Os temas presentes nos textos literários e os transversais podem, pois, coincidir. Estes englobam uma série de assuntos, incluindo questões de ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo. A partir dessas orientações, passamos a analisar uma revista infanto-juvenil, concebida como produto cultural híbrido, a fim de apresentar possibilidades de abordagem de temas transversais veiculados no periódico e também em textos literários presentes no referido veículo. O estudo é desenvolvido no âmbito da pesquisa *PNBE 2010: leituras possíveis*, aprovado pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq – conforme processo número 100369/2013-8.

Revistas são consideradas artefatos culturais, uma vez que, segundo Silva (1999, p. 134-135), possuem um conteúdo, produzem significado e, em geral, trazem conhecimento para a cultura de massa. De acordo com Rabaça e Barbosa (1987, p. 516), a revista é “uma publicação periódica mensal que trata de assuntos de interesse geral ou relacionados a uma determinada atividade ou ramo do conhecimento, literatura, ciência, comércio, política.”

A *Ciência hoje das crianças* (CHC), objeto do presente estudo, é, nesse sentido, uma revista direcionada ao público infanto-juvenil e publicada mensalmente pelo Institu-

to Ciência Hoje, do Rio de Janeiro, desde o ano de 1986, sendo editados 11 exemplares ao ano (edição única para os meses de janeiro e fevereiro). A escolha desse artefato como objeto de estudo deve-se ao fato de ser uma publicação que, desde a década de 1990, por meio de um acordo com o Ministério da Educação, é distribuída a milhares de escolas públicas do Brasil, informando, divertindo e servindo de fonte

de pesquisa para estudantes e professores, pelo PNBE, podendo ser um meio de produção de conhecimento e estímulo à prática de leitura.

Nesse periódico, em cada número, há duas seções direcionadas à leitura literária – “Poesia e companhia”, com textos em verso, e “Baú de histórias”, com textos em prosa. As tabelas que seguem apresentam os textos publicados em 2011 nas seções:

Tabela 1 – Poemas publicados na seção “Poesia e companhia”, em 2011.

REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS 2011			
Nº edição	Mês	Título do Poema	Autoria
220	Janeiro/fevereiro	Hora de dormir	Claudio Thebas
221	Março	O poeta começa o dia	Mario Quintana
222	Abril	O Íbis	Fernando Pessoa
223	Maio	Desejo	José de Castro
224	Junho	O jacaré e a lagartixa	Alexandre Azevedo
225	Julho	Imagina!	José Jorge Letria
226	Agosto	O pano de fundo	Paulo Robson de Souza
227	Setembro	Pau-brasil	Lalau
228	Outubro	Condão	Rosana Rios
229	Novembro	Diversão	Paulo Netho
230	Dezembro	Longo penar	Miguel Sanches Neto

Elaborado pelas autoras

Tabela 2 – Narrativas publicadas na seção “Baú de histórias” da CHC de 2011 e respectivas autorias.

REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS 2011			
Nº edição	Mês	Título da narrativa	Autoria
220	Janeiro/fevereiro	A passeata de Emília	Tereza Yamashita e Luiz Bras
221	Março	A maçã	René Goscinny
222	Abril	A lenda do Sol e da Lua	Lenda mexicana adaptada de Bernardino Sahagún (1759), México
223	Maio	A lenda do Cadmo	Adaptação de Ovídio e Dicionário Oxford de Literatura Clássica de Paul Harvey
224	Junho	Honorato	Adaptação livre pela revista CHC
225	Julho	O laboratório do Dr. Ratão	Marcia Kupstas
226	Agosto	Genório e o pai-do-mato	Adaptação livre pela revista CHC
227	Setembro	Quem nunca se molhou na chuva	Ninfa Parreiras
228	Outubro	A bruxa Meregilda	Ana Lúcia Meregilda
229	Novembro	O convite para a festa	Angelo Machado
230	Dezembro	Um teste revelador	Milu Leite

Elaborado pelas autoras

Uma análise inicial dos textos apresentados pela Revista permite constatar que não há uma regularidade temática ou mesmo de autores, ou seja, há autores nacionais e estrangeiros, do presente e do passado, assim

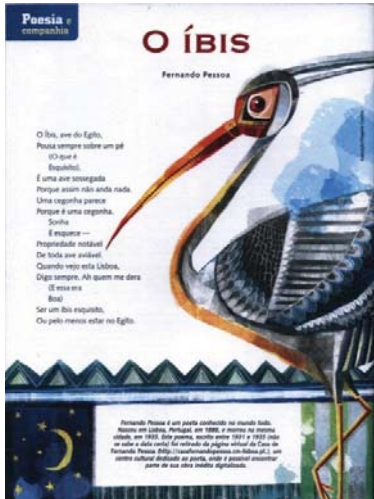
como textos adaptados pela própria CHC. Em relação à temática, destaca-se que cada edição elege determinada temática e todas as seções tentam, a partir do lugar de onde falam, explorá-la. Como já mencionado, a CHC é uma revista

de cunho mais científico e, portanto, apresenta, no geral, textos monossêmicos, isto é, com apenas um sentido, o que exige linguagem mais objetiva. Assim, para que o leitor prepare-se para adentrar na ficção, no “mundo do faz de conta”, no “como se” fosse real, cujos textos são polissêmicos, uma vez que sua leitura provoca reações diversas no leitor, há no canto superior esquerdo da página inicial o nome da seção, conforme o gênero apresentado, “Poesia e companhia” ou “Baú de histórias”. Essa identificação da seção alerta o leitor para o pacto que deve ser estabelecido com o texto veiculado. Os literários, além de fornecer informação sobre determinadas temáticas, como, por exemplo, os temas transversais, permitem ao leitor adquirir conhecimentos diversos, viver situações

existenciais na “pele” das personagens, entrar em contato com novas ideias e perspectivas, o que o enriquece como ser humano. Nesse ínterim, os temas transversais transitariam pelos textos literários, ora de forma mais direta ora mais sutil.

Para fins de análise e elucidação dos temas transversais, foram escolhidos como amostragem três textos: um em verso – “O Íbis”, de Fernando Pessoa – e outros dois em prosa – uma lenda, “A lenda do Sol e da Lua”, e um conto moderno, “Quem nunca se molhou com a chuva”.

Na edição 222, de abril de 2011, que tratava de novidades sobre as pirâmides do México, “O Íbis”, de Fernando Pessoa, é o poema trazido ao leitor.

<p>(REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS, ano 24, nº 222, abril, 2011, contracapa)</p>	<p>Fig. 1 – Ilustração do poema e da ave Íbis Fonte: REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS, ano 24, nº 222, abril, 2011, contracapa</p>
<p style="text-align: center;">O Íbis</p> <p>O Íbis, ave do Egito, Pousa sempre sobre um pé (O que é Esquisito). É uma ave sossegada Porque assim não anda nada. Uma cegonha parece Porque é uma cegonha. Sonha E esquece – Propriedade notável De toda ave aviável. Quando vejo esta Lisboa, Digo sempre, Ah quem me dera (E essa era Boa) Ser um íbis esquisito, Ou pelo menos estar no Egito</p>	

O título sugere que o texto discorre acerca de aves aquáticas, da família dos tresquiornitídeos, caracterizadas especialmente pelo bico longo e recurvo, que pode remover alagados em busca de alimentos. Conforme a tradição popular, o íbis é a última ave a desaparecer antes de um furacão e a primeira a surgir depois da tempestade. No Egito Antigo, era objeto de veneração religiosa, associado ao deus Thoth, representado pela cabeça de um íbis. Trata-se de terminologia distante do leitor do periódico, e a ilustração (Fig. 1) auxilia na construção da imagem da referida ave.

Contrastando o sujeito poético com relação a ave e descrevendo-a, o poema enfoca um tema caro à infância, a quem o mundo natural interessa e intriga. Há um nível de informativo que auxilia o leitor a compreender o objeto de que se fala nos versos, apresentando o íbis, já que o mesmo, possivelmente, não faz parte do universo do destinatário: ficamos sabendo de sua aparência com a cegonha, que pousa em um pé só, que é bicho sossegado, que vive no Egito. Apesar de o texto associar elementos que não fazem parte do repertório do leitor do periódico, carecendo de uma mediação inten-

cional para sua concretização, ao atribuir ações humanas à ave, como sonhar e esquecer, faz uso de aspectos que auxiliam no processo de aproximação do leitor com as questões postas no poema.

O sujeito lírico evidencia seu desejo de ser um íbis, que sonha e esquece, e assim “não anda nada.” Pousando no chão apenas sobre um pé, a ave não avança em direção ao que sonha, permanece imóvel, enquanto que o sujeito poético, por oposição, mostra-se inquieto na perseguição do que sonha. A exemplo do que se pode entender, a ave muda de lugar pela necessidade de fazê-lo, possivelmente em movimentos migratórios, em busca da sobrevivência e não do que foi sonhado.

Além de se diferenciar da ave por não dispor dessa propriedade notável, distinguem-se os espaços que habitam o sujeito que fala e o pássaro. O desejo de ser o íbis é expresso pelo sujeito poético quando vê *esta Lisboa*², denotando certo desencanto pelo seu lugar, enquanto o Egito representa o distante, o inacessível, envolto em mistérios antigos. Como, ao contrário da ave, o sujeito não esquece o que sonha, entende-se que esse devaneio alimenta sua subjetividade. O verso “Digo sempre, ah quem me dera”, elucida a intensidade e a permanência da fantasia no sujeito.

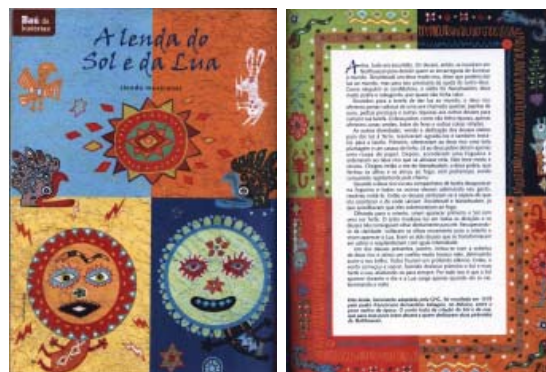
Apesar dos desafios postos pelo campo semântico e imagético do poema, destacamos o nível da musicalidade como mobilizador em virtude de rimas “pé”, “é”, “sossegada”, “nada”. Mesmo elegendo como tema o que é distante, o poema aproxima-se do leitor pela musicalidade, através das rimas e do ritmo sugerido pela ruptura sintática dos versos. Os dizeres entre parênteses assemelham-se a confidências em tom mais baixo e comentários próprios da comunicação oral, por trazerem dados não tão relevantes à compreensão do poema, mas que mostram certa informalidade, captando o leitor e dando ao texto um tom próximo do humor. Pelo exposto, a poesia veiculada na edição da revista CHC, neste caso, contribui para a formação do poético. Ao ser veiculada em uma revista cujo propósito é trazer à discussão questões científicas às crianças, o caráter polissêmico do texto acolhe também a discussão acerca do meio ambiente, em especial, da extinção de algumas espécies, as-

² O enunciador, poeta Fernando Pessoa, vivia em Portugal.

sim como da noção de pluralidade cultural, ao remeter o leitor brasileiro a outro país, o Egito, e a aspectos da sua cultura.

No mês de abril de 2011, na seção “Baú de histórias”, foi publicado o texto “A lenda do Sol e da Lua” (Fig. 2). Trata-se, como o título já sugere, de uma lenda, que traz consigo um aporte folclórico, constituído por crenças e costumes de cunho popular que permitem mediar a temática da pluralidade cultural. De acordo com a narrativa, os deuses reuniram-se para decidir quem iluminaria o mundo. Sendo uma lenda, o texto procura, pelo simbólico, explicar aquilo que o ser humano, racionalmente, nem sempre consegue dar conta. Apesar de adaptado pela equipe da revista CHC, o caráter literário e, portanto, simbólico está presente já no texto de abertura, referindo-se ao tempo que antecedia a história: “Antes, tudo era escuridão.” Contudo, o narrador não especifica onde nem quando era esse antes que parece ocupar papel tanto numa categoria temporal como espacial. Frente ao problema, buscaram-se alternativas para resolver o conflito posto: quem iluminaria o mundo? – questão, vale ressaltar, presente no imaginário dos povos primitivos.

Fig. 2 – “A lenda do sol e da lua”, p. 10 e 11



O problema estava posto e Teciztecatl, deus rico, disse que poderia resolvê-lo, mas que precisaria de ajuda. Nanahuatzin, deus pobre, foi, então, eleito para ajudá-lo. Cada um dos deuses ofereceu o que pôde para auxiliar, conforme suas possibilidades. Os demais deuses conferiram a dedicação de ambos, mas determinaram que se atirassem em uma fogueira. O deus rico deveria ser o primeiro, mas teve medo e não o fez. Já Nanahuatzin, atirou-se sem qualquer medo. Os deuses apreciaram o

feito de Nanahuatzin, de modo que Tecciztecatl encorajou-se e fez o mesmo. Com isso, apareceram no céu o Sol e a Lua, que eram os dois deuses transformados, resplandecendo em igual intensidade. Mas, como um dos deuses presentes irritou-se com a soberba do deus rico, determinou a separação dos astros. “Por tudo isso é que o Sol aparece durante o dia e a Lua surge apenas quando ele se vai, iluminando a noite.”

Fig. 3 – “Quem nunca se molhou com a chuva”, p. 10 e 11



O desfecho do enredo, conforme explicitado, sintetiza explicitamente a narrativa, o que depõe contra o caráter polissêmico esperado do texto literário. Apesar desse fechamento nada feliz, cabe considerar que o texto permite ao leitor experimentar a fantasia posta pelo enredo, aliada à vivência de uma situação real – nesse caso, explicar o surgimento do Sol e da Lua. Essa ação pode ser feita a partir de um confronto interno do leitor sobre aquilo que leu e aquilo que vive, seja através do que conhece sobre o tema tratado na lenda via televisão, ou a partir de outras leituras, na vida escolar e também familiar (RAMOS, 2010, p. 20-21, 26). As lendas, nesse sentido, são textos que podem ser utilizados para discutir a pluralidade cultural existente nos temas transversais dos PCN's. No caso do texto analisado, inclusive a ilustração que o acompanha merece um olhar no que diz respeito às suas cores e traços, pois remete à cultura mexicana, possibilitando ao leitor uma leitura para além do verbal.

Ao gerar significância para o leitor, o texto pode propiciar não só o conhecimento

³ Salienta-se que a CHC, em 2011, veiculou, além de “A lenda do Sol e da Lua”, outras três lendas: “A lenda do Cadmo”, em maio de 2011, “Honorato”, na edição de junho, e “Genório e o pai-do-mato”, na edição de agosto.

de uma cultura diferente da sua, mas também elevar o seu nível de conhecimento cultural, bem como promover a busca por mais textos com temáticas similares ou até outros gêneros textuais. Em síntese, mesmo que o texto não dialogue diretamente com a cultura do leitor, ele amplia as suas vivências, nesse caso, acerca de outra cultura, possibilitando-lhe agir, refletir e estar mais sensível à diversidade, seja ela cultural ou social.

No mês de setembro, o conto “Quem nunca se molhou na chuva”, de Ninfa Parreiras, estampou as páginas do “Baú de histórias”. A narrativa chega ao leitor por um narrador heterodiegético e retrata, por meio da linguagem literária, o cotidiano das pessoas que vivem na seca, que castiga há muitos anos. As protagonistas são duas irmãs gêmeas, as “gêmeas da chuva”, que assim ficaram conhecidas na vila onde moravam pela sua curiosidade em relação a esse fenômeno da natureza que não conheciam, apenas por histórias e por ouvir dizer. Elas imaginavam, então, como seria a chuva. A oportunidade de conhecê-la veio com um convite para falar sobre a seca em uma cidade onde a chuva acontecia. Elas, então, viajaram para a cidade e realizaram o sonho de conhecê-la, que “era o bolo de aniversário. Nunca era igual. Mudava de um ano para o outro. Chegava quando queria. Partia quando podia. A chuva encharcou as meninas. Inundou os olhos das gêmeas”. (PARREIRAS, 2011).

O espaço da história acontece provavelmente no norte ou nordeste brasileiro, local onde existe seca. O texto traz elementos poéticos e faz o uso de metáforas, como “A seca era o pão com manteiga de todo dia. [...] A chuva encharcou as meninas. Inundou os olhos das gêmeas”. As palavras vão, pois, muito além do seu sentido usual. A seca era o que elas já conheciam, “o pão com manteiga”; a chuva, por outro lado, ao encharcar as meninas, lava a sua alma, tira-lhes a aridez e inunda seus olhos, porque agora, finalmente, conseguiram ver outras aquarelas. O jogo semântico com os verbos encharcar e inundar é de uma sensibilidade que só o texto literário proporciona, ou seja, estão relacionados à chuva, mas, metaforicamente, vão além desse sentido objetivo.

Vale lembrar que é o modo como a linguagem é empregada que transforma determinado assunto em literatura. No caso dessa

narrativa, o tom artístico é anunciado já no primeiro parágrafo: “De amarelos, marrons, laranjas, beges. Neutros, pálidos e empoeirados. Escuros e apagados. Tons da seca. Por lá havia chuva de pó. Ventania de poeira. Isso tudo era seca. Uma secura nos olhos. A paisagem se cobria de pó. Chovia poeira. As crianças daquele lugar até engoliam pó.” A adjetivação farta sem a presença de substantivos molda o cenário e se estende a todos os elementos que o leitor insere na composição da cena, uma vez que o silêncio do narrador frente aos elementos do ambiente descrito desafiam o leitor a configurá-lo a partir do seu repertório.

Interessante, ainda, destacar que a construção do texto permite ao leitor vivenciar a problemática com as meninas e, ao final, igualmente inundar seus olhos com a alegria, tal qual as gêmeas. Isso também motiva o leitor, que pode fazer uma leitura eficaz, identificando-se com aspectos do enredo, pertencendo ou não a uma região onde há predomínio de seca ou de chuva. A narrativa, dessa forma, instiga o leitor a significar aquilo que lê a partir de suas vivências, bem como permite imaginar o que lê, caso não tenha conhecimento daquela situação vivida pelas personagens vive-a com elas. Assim, o texto é caracterizado como literário e, ao mesmo tempo, pode ser utilizado como um recurso que discute temas transversais como meio ambiente e pluralidade cultural.

Considerações finais

Os temas transversais constituem-se como um dos objetivos pontuados pelos PCN's a serem trabalhados na escola brasileira. A possibilidade do uso de materiais literários híbridos para adentrar conhecimento e aproximação eficaz do estudante brasileiro a esses princípios pode ser encontrada na revista CHC.

A revista circula no ambiente escolar e pode ser uma ferramenta auxiliar na mediação e ensino de questões atinentes aos temas transversais. Percebe-se que nas seções focalizadas, além de trabalhar no sentido de formar um leitor competente, pelo estudo de narrativas contemporâneas, lendárias/folclóricas e poesias, pode ser um recurso para estudo de temas transversais.

Na análise dos conteúdos das seções da revista percebe-se a possibilidade do trabalho

com questões de meio ambiente e pluralidade cultural, alguns dos assuntos pontuados pelos temas transversais. Salienta-se, por outro lado, que, embora por vezes a temática central do texto literário não seja uma das elencadas pelos PCNs, propicia o autoconhecimento do leitor, o que expande seus horizontes e permite-lhe, efetivamente, intervir na realidade para transformá-la, cumprindo o papel do texto artístico.

Por fim, a presença de textos literários para discutir temas transversais possibilitaria o enriquecimento e o fortalecimento dos saberes nessa questão. Além disso, pode incentivar uma didática eficiente, que não tornaria o assunto tão pesado, mas que, ao mesmo tempo, instigaria à prática da leitura literária em sala de aula.

Bibliografia

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em 14/05/2013.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15596&Itemid=1079>. Acesso em 08 abril 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. Instituto CHC história. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/instituto-ch/historia/frutos-do-pioneirismo>>. Acesso em 28/05/13.

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. *Revista Ciência hoje das crianças*. São Paulo: Ediouro, ano 24, nº 222, abril, 2011.

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. *Revista ciência hoje das crianças*. São Paulo: Ediouro, ano 24, nº 224, junho, 2011.

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. *Revista Ciência hoje das crianças*. São Paulo: Ediouro, ano 24, nº 227, setembro, 2011.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

RAMOS, Flávia Brocchetto. *Literatura infantil: de ponto a ponto*. Curitiba: CRV, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Notas sobre as autoras:

Flávia Brocchetto Ramos

Dr. em Letras (PUCRS), pós-doutor em Educação (UFMG), professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Lovani Volmer

Professora nos cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Feevale e diretora pedagógica da Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação. Mestre em Letras – Leitura e Cognição (Unisc) e doutoranda em Letras (UCS).

Melina Sauer Giacomini

Universidade de Caxias do Sul – Acadêmica do Curso de Pedagogia; Bolsista CNPq atuante no projeto: Pesquisa: Educação, linguagem e prática leitora II, orientado pela Prof. Flávia Brocchetto Ramos.